

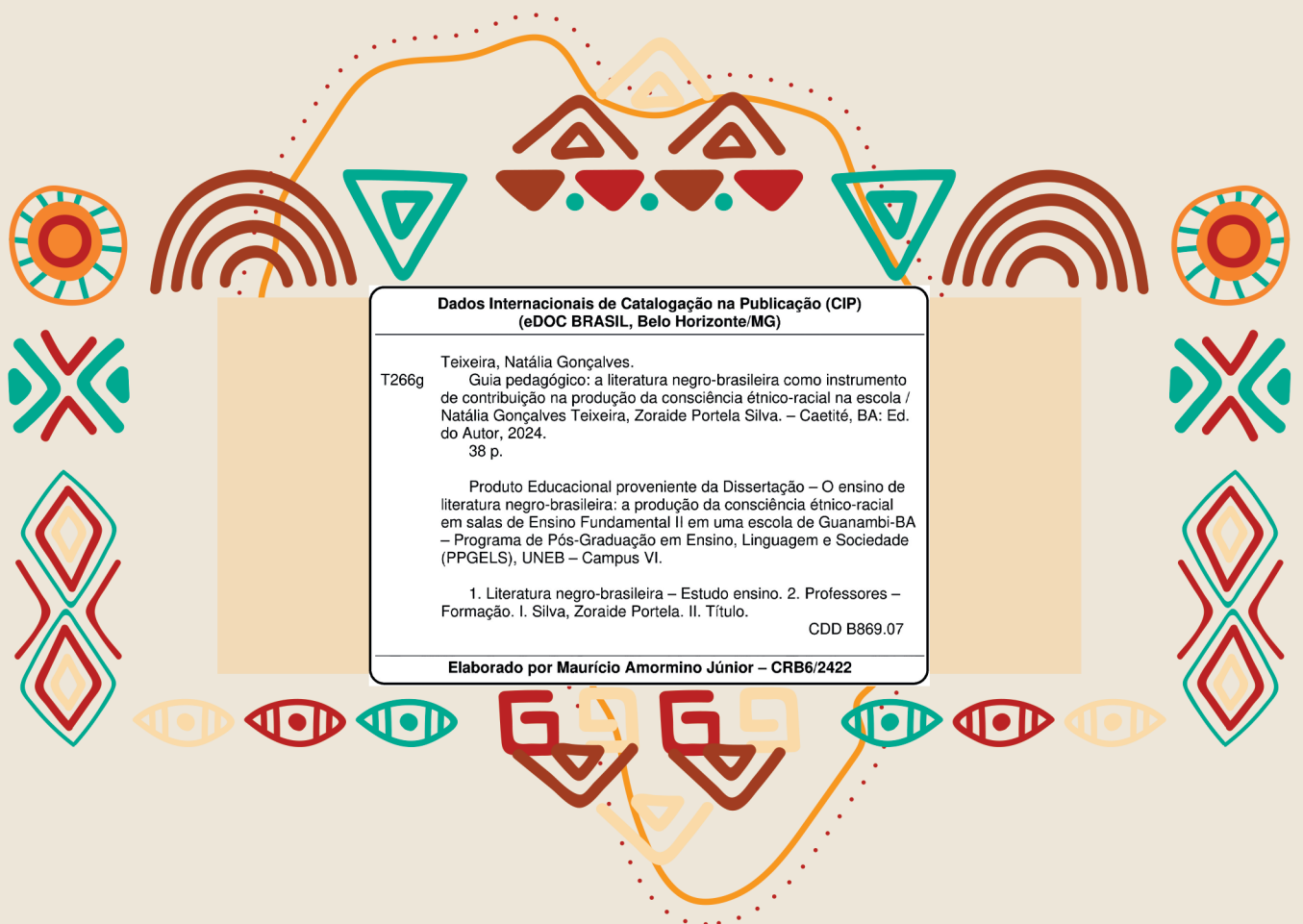
# GUIA PEDAGÓGICO

Natália Gonçalves Teixeira  
Zoraide Portela Silva

**A literatura negro-brasileira como instrumento de contribuição na produção da consciência étnico-racial na escola**



# FICHA CATALOGRÁFICA



## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T266g Teixeira, Natália Gonçalves.  
Guia pedagógico: a literatura negro-brasileira como instrumento de contribuição na produção da consciência étnico-racial na escola / Natália Gonçalves Teixeira, Zoraide Portela Silva. – Caetité, BA: Ed. do Autor, 2024.  
38 p.

Produto Educacional proveniente da Dissertação – O ensino de literatura negro-brasileira: a produção da consciência étnico-racial em salas de Ensino Fundamental II em uma escola de Guanambi-BA – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), UNEB – Campus VI.

1. Literatura negro-brasileira – Estudo ensino. 2. Professores – Formação. I. Silva, Zoraide Portela. II. Título.

CDD B869.07

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH-VI**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO,**  
**LINGUAGEM E SOCIEDADE - PPGELS**

# GUIA PEDAGÓGICO

**A literatura negro-brasileira como instrumento  
de contribuição na produção da consciência  
étnico-racial na escola**

**Natália Gonçalves Teixeira**  
**Zoraide Portela Silva**



Graduação em Letras com Inglês pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestrado em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG). Doutorado em Estudos comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Professora do Departamento de Ciências Humanas (D-CH/VI) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), desde 1995; docente permanente do Programa de Pós-Graduação – Mestrado – em Ensino, Linguagem e Sociedade (PP-GELS) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL). Experiência na área de Letras, com ênfase nas Literaturas de Língua Portuguesa, especialmente a brasileira e a africana. Pesquisadora na área de literaturas africanas de língua portuguesa com ênfase em Angola, orienta-se pelas linhas de pesquisa: Literatura Comparada; Literatura e Sociedade; Literatura e Ensino (com consonância com as Leis 10.639/03 e 11.645/08). Atualmente privilegia enfoques críticos sobre o comparativismo entre Angola e Moçambique (Séculos XX e XXI); Relações entre Cultura e Literatura afro-brasileira; Relações entre memória e guerra; Escrita; Identidade e Alteridade.

**ZORAIDE PORTELA  
SILVA**



Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia, campus IV. cursou 2ª licenciatura em Pedagogia pela Universidade Metropolitana de Santos - UNIMES. cursou especialização em Literatura Brasileira: Formação do Cânone e Contrapontos Críticos pela Universidade do Estado da Bahia, campus XX - Brumado. cursou especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e letramento. Mestranda do PPGELS - Programa de Pós Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade, pela UNEB - Universidade do Estado da Bahia (Campus - VI).



**NATÁLIA GONÇALVES  
TEIXEIRA**



## FICHA TÉCNICA

**1. TÍTULO:** Guia Pedagógico: a literatura negro-brasileira como instrumento de contribuição na produção da consciência étnico-racial na escola.

**2. ORIGEM DO PRODUTO:** O produto educacional é originado a partir da dissertação intitulada “O ensino de literatura negro-brasileira: a produção da consciência étnico-racial em salas de Ensino Fundamental II em uma escola de Guanambi-BA”, desenvolvido no Mestrado Profissional em Ensino, Linguagens e Sociedade (PPGELS/UNEB).

**3. A QUEM SE DESTINA O PRODUTO:** Profissionais que atuam na Educação Básica: Ensino Fundamental II.

**4.ÁREA DO CONHECIMENTO:** Ensino.

**5. PÚBLICO-ALVO:** Professores e professoras do ensino fundamental II, gestores escolares e coordenadores pedagógicos.

**6.CATEGORIA DESTE PRODUTO:** Guia pedagógico.

**7. DISPONIBILIDADE:** Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial à terceiros.

**8. FINALIDADE:** O guia pedagógico visa contribuir para a construção da consciência étnico-racial na escola.

**9. ORGANIZAÇÃO DO PRODUTO:** O produto educacional foi organizado para subsidiar práticas e ações no contexto de sala de aula pela perspectiva teórica da literatura negro-brasileira. Este guia pedagógico apresenta três partes: objetivos e intencionalidades; a literatura negro-brasileira e a produção da consciência étnico-racial; sequência de atividades que estimula a discussão sobre as questões raciais na escola.

**10. DIVULGAÇÃO:** Site do PPGELS: <https://www.ppgels.uneb.br/teses-dissertacoes/>.

**11. REGISTRO DO PRODUTO:** Biblioteca da UNEB – Campus VI.

**12. AVALIAÇÃO DO PRODUTO:** O produto educacional foi avaliado pela banca de defesa da dissertação.

**8. APOIO FINANCEIRO:** Custeado pela autora.


**9. URL:** O Produto estará acessível no site do PPGELS, gratuitamente.

**10. IDIOMA:** Português

**11. CIDADE/ESTADO:** Guanambi/Bahia **12.PAÍS:** Brasil

**13. ANO:** 2024

pikisuperstar - Freepik.com



# SUMÁRIO

08

## Parte 1

O guia pedagógico: objetivos e intencionalidades.

10

## Parte 2

O que é a literatura negro-brasileira?

12

O ensino da literatura negro-brasileira e a lei 10.639/03.

13

Como o ensino da literatura negro-brasileira contribui para a produção da consciência étnico-racial?

14

Qual a importância desse trabalho na sala de aula?

15

## Parte 3

Sequência de atividades didáticas que estimula a discussão sobre questões raciais e que promove o fortalecimento da consciência negra e o reconhecimento e respeito à diversidade.



# O guia pedagógico: Objetivos e intencionalidades.

## Parte





A problemática que subsidia a construção deste material didático parte das indagações sobre o ensino da literatura negro-brasileira e de como a escola trabalha a problemática da vida, dos caminhos, da trajetória e da cultura e história do negro no Brasil. As discussões acerca da construção deste guia pedagógico buscam fomentar estratégias e ações metodológicas que contribuam para subsidiar o ensino da literatura negro-brasileira numa perspectiva de ensino que visa colaborar para a construção da consciência étnico-racial no contexto escolar em questão.

A construção de um guia pedagógico para problematizar o ensino da literatura negro-brasileira poderá contribuir, principalmente, para “(...) reconhecer diferentes maneiras de ser, pensar, (re)agir, sentir e, pelo confronto com o que é diverso, desenvolver uma atitude de valorização e de respeito pela diversidade” (Brasil, 2017, p. 156). As ações e estratégias a serem articuladas e o desenvolvimento de um produto didático visam buscar metodologias que contribuam para que o papel da escola se efetive, garantindo a ampliação das possibilidades de participação das crianças e jovens em práticas de diferentes campos de atividades. Além disso, ter subsídios teóricos e sugestões de material pedagógico para intervir na sala de aula, pensando na sua pluralidade, auxiliará na prática educacional de professores da Educação Básica no semiárido baiano, diante dos desafios vivenciados no contexto da sala de aula, quando pensamos no papel da escola como espaço dialógico que precisa discutir estratégias de ensino.

De forma mais específica, o guia pedagógico se organiza em três partes: primeira, com uma breve contextualização, apresentando os objetivos e intencionalidades; segunda, com apresentação de informações referentes aos objetos de conhecimento, principalmente, em relação ao ensino da literatura negro-brasileira; terceiro, com apresentação de sugestões de atividades práticas e lúdicas para desenvolver ações e sequências didáticas, a fim de contribuir para um ensino que promova a quebra de silenciamentos historicamente impostos, de modo que estimule a discussão sobre questões raciais e que fortaleçam a autoestima negra e contribuam para desestruturar o racismo.

O que é a literatura  
negro-brasileira?

Parte



A literatura negro-brasileira surge em meio às concepções geradoras que definem a literatura contemporânea. A escrita literária, definida por Dalcastagnè (2012) como um espaço em disputa, considera os aspectos de uma narrativa que sugere novas vozes, muitas vezes “não autorizadas” pela tradição canônica, mas que falam de si e fazem da literatura um campo de resistência e denúncia. Dentro dessa perspectiva, estão as narrativas escritas por homens e mulheres negras que, dentre outros objetivos, levantam discussões acerca de questões inerentes à comunidade negra, questionando e desestabilizando os discursos pautados das relações de poder delineadas pela tradição canônica, que sempre fez alusão ao negro sob a ótica da subalternidade e da invisibilização.

No Brasil do século XXI, em que se veiculam as novas formas de produção que recriam significados e signos, a literatura, escrita por homens e mulheres negras, se constitui de elementos da cultura e da religiosidade referenciados à identidade negro-brasileira. O lugar de protagonista permite uma escrita engajada, mas, sobretudo, uma escrita que traz poeticidade, memória e ritmo, apresentando vozes e rostos reinterpretados.

As narrativas negras que compõem a construção da categoria negro-brasileira partem das produções literárias negras produzidas em solo brasileiro. Diante disso,

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer (Silva, 2010, p. 44).

Nesse sentido, o autor supracitado discute que a vertente literária, entendida pela singularidade negra, associa-se à escrita destas narrativas com o sentimento de pertencimento e estando amparada pelos sentidos do termo “negro”, pois apoia-se em uma manifestação reivindicatória referenciada no processo de luta participativa. Logo, o posicionamento político e social que direciona a vertente literária, atrelada ao ensino da literatura negro-brasileira no chão da escola, pode agenciar a construção de uma consciência étnico-racial.

### 3 O ensino da literatura negro-brasileira e a lei 10.639/03.

O ensino da literatura negro-brasileira é uma prática que potencializa a problematização da discussão étnico-racial na escola, pois contribui para o papel social dessa instituição e para que os sujeitos que integram o espaço escolar ampliem o repertório estético-cultural, a ponto de, sob uma perspectiva de pertencimento e afirmação, possam confrontar sua realidade e reagir a atos de racismo e discriminação racial.

Os recursos formais e estéticos que delineiam a construção da literatura negro-brasileira se constituem como uma das instâncias discursivas mais importantes, principalmente, quando se trata da atuação na configuração do imaginário de milhões de pessoas. Nesse sentido, associar as narrativas escritas por autores negros com as discussões étnico-raciais no contexto escolar é permitir, pela potência crítica da literatura negro-brasileira, uma performance educativa que possibilita que os sujeitos do espaço escolar reflitam sobre sua atuação social, transformando-se em agentes de mudança e mobilizando forças para combater o racismo.

Dessa forma, Gomes (2008) discute que, para que o ensino contemple a atuação da abordagem das relações étnico-raciais na educação escolar, é necessário conhecer e analisar as experiências significativas de diversidade étnico-racial no interior do espaço escolar. Além disso, é necessário “(...) produzir conhecimento sobre o tema, compreender as demandas dos movimentos sociais e construir práticas pedagógicas de superação do racismo que possam articular o conhecimento acadêmico com o conhecimento produzido pelos movimentos sociais” (Gomes, 2011, p. 24). A atuação da escola é essencial para a construção de uma

sociedade democrática que respeite as matrizes étnico-raciais que caracteriza a formação do povo brasileiro.

As práticas de ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, o qual é atravessado pelo universo simbólico e subjetivo da estética literária negro-brasileira, têm o potencial de romper com o silenciamento dentro da sala de aula e de desvelar práticas pedagógicas que favoreçam a discriminação racial ou corroborem o racismo estrutural. Nesse sentido, a Lei 10.639/03 propõe discussões e “(...) abre caminhos para a construção de uma educação antirracista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o “falar” sobre a questão afrobrasileira e africana” (Gomes, 2012, p. 105). Essa normativa colabora com a proposição de um novo cenário de estudos para a literatura negro-brasileira.

A legitimação de um discurso de pertencimento e resistência é pautada, também, em um diálogo intercultural, o qual, segundo Gomes (2012), parte de um diálogo emancipatório na sala de aula, que pressupõe e considera a existência de um “outro” enquanto sujeito ativo e concreto, com quem se fala e de quem se fala. É nesse sentido que as narrativas escritas por autores negros autorizam e incorporam conflitos, tensões e divergências no engajamento de um espaço escolar igualitário.

As narrativas literárias negro-brasileiras incorporadas na escola podem ser compreendidas como um expediente que possibilita o conhecimento e a reconstrução histórica e emancipatória, e que constrói uma narrativa ficcional oposta à perspectiva eurocêntrica canônica e dominante. Diante disso, a literatura na sala de aula, na perspectiva da vertente literária negro-brasileira, colabora para a

construção da subjetividade negra e, ainda, mantém a preservação mnemônica do imaginário negro para o enfrentamento das práticas de racismo, sobretudo dentro do contexto escolar.

A escola precisa ser um espaço contemplador das diferenças. O ensino precisa proporcionar ações que subsidiem práticas e ações educativas para que os parâmetros intitulados na Lei 10.639/2003 realmente funcionem. Para que isto se efetive, as narrativas negras devem estar presentes no ambiente escolar, de modo que o aluno possa estabelecer conexões e compreender a função da leitura literária, associando-a com a sua realidade, dialogando com outras realidades e construindo mecanismos de representação.

#### **4 Como o ensino da literatura negro-brasileira contribui para a produção da consciência étnico-racial?**

A linguagem literária é um instrumento que viabiliza encontros e deve ter sua função garantida nos espaços da sala de aula, dando lugar a dimensão humanizadora e mobilizadora de sentidos e formas de estar no mundo, garantindo, assim, a formação de um sujeito leitor que seja capaz de desenvolver habilidades interpretativas, reflexivas e autonomia leitora. Desta compreensão, a leitura literária numa concepção negra decolonial pode ser pensada como uma prática social que subsidia a produção do saber, diante das inúmeras produções discursivas que permeiam os espaços escolares e da sociedade.

O ensino da literatura negro-brasileira potencializa práticas e ações pedagógicas para um espaço escolar que compreenda a perceptiva da diferença. Além disso, promove um diálogo intercultural e emancipatório no interior da sala de aula, ao passo que, novos saberes e atribuições de sentido são construídos em relação a existência de um “outro” enquanto sujeito ativo, como propõe Gomes (2012). As questões inerentes à escrita negro-brasileira possibilitam outras estratégias de ensino que estejam integradas às concepções outras no espaço escolar e que contribuam para a construção da consciência étnico-racial no contexto escolar. Nesse sentido, por meio de práticas de ensino da literatura negro-brasileira, de obras referenciadas de autores que narram a experiência negra construída em solo brasileiro, é possível instrumentalizar um processo de ensino-aprendizagem no qual a identidade étnico-racial emergja como consciência de pertencimento e força.



## 5 Qual a importância desse trabalho na sala de aula?

O ensino da literatura negro-brasileira viabiliza diálogos e estratégias para combater o racismo na sociedade. Arroyo (2010) salienta que o combate ao racismo perpassa pela ótica pedagógica, pois a escola é um espaço educativo, pedagógico e cultural capaz de propor outras compreensões e de mudar ações, imaginários e condutas. A literatura negro-brasileira caminha pela perspectiva decolonial de ensino, ao passo que desvincula de um modo único de ver o mundo e se abre à perspectiva da diferença. O diálogo intercultural proposto pela decolonização do currículo e os apontamentos legais da Lei 10.639/2003 viabilizam a construção de um currículo que veja a diferença pelas considerações teóricas de um ensino antirracista.

(...) a mudança estrutural proposta por essa legislação abre caminhos para a construção de uma educação antirracista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o “falar” sobre a questão afrobrasileira e africana. Mas não é qualquer tipo de fala. É a fala pautada no diálogo intercultural. E não é qualquer diálogo intercultural. É aquele que se propõe ser emancipatório no interior da escola. (Gomes, 2012, p. 105).

O ensino da literatura negro-brasileira promove um diálogo intercultural nos espaços de sala de aula, promove ações pedagógicas que humanizam e reconhecem o outro, pois, como propõe Candau (2020, p. 684-685), é necessário “(...) reconhecer os diversos saberes produzidos pelos diferentes grupos socioculturais. Promover uma ecologia de saberes no âmbito escolar, favorecendo o diálogo entre o conhecimento socialmente valorizado e dominante e estes saberes.” Os aspectos culturais que subsidiam a escrita negro-brasileira estão ancorados nas compreensões de uma educação antirracista. A escrita negro-brasileira viabiliza a construção de um espaço escolar justo e democrático, ao passo que é uma escrita de experiência que promove reflexões sobre a diferença.



**Sequência de atividades didáticas que estimula a discussão sobre questões raciais e que promove o fortalecimento da consciência negra e o reconhecimento e respeito à diversidade.**

# Parte



Esta sequência pretende apresentar uma introdução aos estudos sobre literatura negro-brasileira. Para isso, faremos um panorama literário e estético em torno do tema central.

# Sequência didática – 6º ANO

## – ENSINO FUNDAMENTAL;

### 1º Momento

#### OBJETIVO:

Introduzir os estudos sobre a literatura negro-brasileira e incentivar a leitura de narrativas escritas por escritores negros.

#### CONTEXTUALIZAÇÃO

Apresentar o conceito da Literatura negra-brasileira;

#### RODA DE LEITURA:

leitura do livro “Azizi, o menino viajante” publicado em 2023 da escritora Conceição Evaristo, descrito abaixo em forma de poema:



## AZIZI, O MENINO VIAJANTE

Azizi, o menino viajante, Viaja de lá para cá... Menino viajero, sonhando Conhece o mundo inteiro.	E, quando chegou nessa terra, Azizi se sentiu em casa.  [...]
Azizi viaja sem mala, Nem se passagem precisa, Fecha os olhos, vê lugares E muita gente conhecida.	Azizi foi recebido com festa, Muita dança e alegria. Toda a gente comemorava O encontro da família.
Quando ele está de carro, Imagina que está de avião, Sentadinho na cadeira, Imagina barcos e aviões.	Quando Azizi acordou, Sentiu que a terra visitada Em sonhos era a sua também.  Sua gente tinha vindo de lá
Uma noite Azizi sonhou Que fazia uma viagem, Em um navio bem grande Ia para uma terra distante.	Em navios de verdade Para construir o Brasil.

EVARISTO, Conceição. **Azizi, o menino viajante**. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra71475/azizi-o-menino-viajante>. Acesso em: 17 de dezembro de 2023.

### COMPREENDER E INTERPRETAR TEXTOS;

Momento de interpretação oral, partindo dos questionamentos.

- Durante a leitura no livro, você imagina qual terra foi visitada em sonho pelo menino viajante?
- Por que o menino Azizi sentiu que a terra visitada também era sua?
- Qual a relação existente entre o Brasil e o continente africano?
- Como você acha que os povos africanos chegaram no Brasil?

Para mediar a discussão, apresentar plaquinhas para contextualizar a discussão sobre o processo diaspórico e de luta no período de escravização e apresentar os conceitos de:

DIÁSPORA

ESCRAVIZAÇÃO

QUILOMBO

RACISMO

## 2º Momento

### OBJETIVO:

Despertar a consciência étnico-racial pelo conceito de quilombo e ressignificá-lo pela compreensão teórica de Abdias do Nascimento, 2002.

### RODA DE LEITURA:

Leitura de um trecho do capítulo “Salto para o Quilombo” do livro “A princesa Mahin: uma história quilombola” publicado em 2021 de autoria do escritor Fábio Mandigo.

## SALTO PARA O QUILOMBO

Acordou pendurado nas costas de um homem que corria. Barulho de tiros, vozes e latidos bravos de cachorros se aproximando. Pensou em gritar, tentar se soltar, quando de repente sentiu a rajada de chumbo rasgando as costas e o calor do sangue escorrendo.

— Fique calado, menino **Kabinda**, ou vão nos pegar!

Ficou.

Logo chegaram a um caminho de árvores maiores, e de uma dessas árvores uma corda foi estendida. O homem fez um laço, o amarrou para que o puxassem e continuou correndo na mesma direção. Foi puxado até uns dez metros de altura, onde um homem e uma mulher o esperavam fazendo sinais com os dedos para que ele continuasse em silêncio. Rapidamente colocaram em suas costas um pano para estancar o sangramento.

Lá embaixo, um grupo de dez homens e três cachorros passou correndo no rastro do fugitivo. Eles permaneceram ali parados e em silêncio por um longo tempo, até que o desceram pela corda amarrada por baixo dos seus braços.

— O que...

— Continue calado, menino Kabinda! Eles podem ter deixado batedores na mata.

Seguiram andando pelo meio do mato cortante até que o sol baixou do céu e uma escuridão total imperou. Ainda assim, os dois que estavam com ele sabiam exatamente onde pisar e qual caminho seguir. Continuaram andando e andando, e com o esforço da caminhada Sankara sentiu o quente voltar a escorrer em suas costas.

Alcançaram uma clareira que se abriu repentina no meio da mata onde foram abordados por três pretos altos que faziam a guarda daquela estrada, dois homens e uma mulher. Uma quarta figura surgiu por trás dos guardas, e um pequeno lume que ela trazia na mão deixou entrever uma bela senhora de pele escura e cabelos trançados que, ao vê-lo, abriu um grande sorriso de dentes redondos e claros.

— Ah, vocês trouxeram o menino Kabinda!

Nesse momento seus olhos novamente escureceram e o sangramento contínuo provocou um segundo desmaio.

O dia já estava claro quando Sankara abriu os olhos e viu a luz do sol descendo em raios esfumados por entre o teto de palha do lugar em que estava deitado. Sentiu o cheiro da fumaça e era um cheiro bom. Devia estar deitado em uma cama alta de galhos, pensou. Sentiu as dores dos ferimentos nas costas. Ouviu

o som de vozes e se encorajou a descobrir onde estava.

Ao seu lado, havia outra cama com seis pernas altas de madeira grossa e araçá e uma base de tiras finas de camaçari coberta com palhas de coco. Nela, estava deitado o homem que o carregou e de pé, ao seu lado, estavam dois homens velhos de cabelos brancos: um preto, de cabelos de carapinha, passava uma grossa pomada verde sobre os ferimentos abertos nas costas do homem. [...]

Levantou. O homem deitado ao seu lado continuava desacordado e suas costas cobertas pelo unguento esverdeado. O sol ia alto no meio do céu. Na clareira havia quatro outras casas de palha com cerca de dois metros quadrados, e uma sexta casa um pouco maior que as demais. A frente de uma das casas, quatro mulheres cantavam baixo enquanto se revezavam batendo forte alguma coisa dentro do grande pilão.

Ao fundo, um grande morro de arbustos e beribas subia por onde a vista alcançava. O céu estava azul e o sol quente.

Ele conhecia a cantiga que as mulheres cantavam:

*“... quebra mi com gê,  
ê macá!  
Quebra gê como mi  
ê macá!”*

Na roda de Capoeira era um momento de o jogo pegar fogo. Ali as mulheres se revezavam na mão de pilão, uma após a outra, sem perder um compasso. Uma puxava o *quebra mi*, as outras respondiam o *ê macá*, descendo com toda força a mão de pilão.

— A Rainha quer falar com você. Se apresse! Ela está pescando com a Seguinte. Ande direto por essa trilha e logo você chegará à Cachoeira Grande.

[...]

— A senhora é a Rainha?

Era a mesma senhora da noite anterior. Descalça, usava uma saia de pano de saco amarrada na cintura. [...] Amarrações de palha e búzios no pescoço, nos braços e tornozelos. Uma pulseira de grossa de cobre decorada no pulso direito. O cabelo amarrado de tranças rastafári. “Dreadlocks”, corrigiria o pai.

Trazia no ombro uma beriba de tapioca, com uma fileira de peixes pendente em cada ponta.

— Rainha, menino Kabinda? Sou somente mais uma guerreira. Uma guerreira velha. Minha mãe sim foi Rainha. Do outro lado do **Kalunga**. Por isso me chamam de Rainha. Mas eu fui trazida para cá ainda **vunji**, e me tornei guerreira por não aceitar ser cativa [...].

— [...] Vá, continue até chegar na beira do rio, na Cachoeira. Minha Seguinte está lá pegando camarão de água doce. Ela quer te ver.

Não era uma cachoeira grande. Não a que esperava. Era uma queda-d'água de uns cinco metros de altura descendo de uma parede de pedra aberta entre a vegetação da encosta. Embaixo formava uma lagoa enorme contida por grandes pedras que funcionavam como uma barragem natural, de onde escorria um rio manso e margeado por mato baixo. Aproximou-se da mulher sentada à margem da lagoa, que estava colocando na água uma espécie de rede feita de palhas de coqueiros e a retirava para catar os camarões, para depois colocá-los em outra cesta feita de taliscas.

O céu estava azul sem uma nuvem sequer.

O sol refletia nas águas que caíam da cachoeira e na água escura da lagoa. Tudo emoldurado pelo verde-escuro da mata, enquanto os papagaios esvoaçando em bandos uma gritaria ensurdecadora formavam uma paisagem realmente impactante.

Não quis ser sorrateiro ou assustar a moça que estava distraída na caça aos pitus.

— Licença, senhora. A Rainha me disse que você queria me ver...

— Me traga esse pedaço de cupinzeiro que está ao seu lado. Para alguma coisa você tem que servir, menino do prédio!

Reconheceu o sorriso claro e o rosto de chocolate amargo: era Kiala!

Ela esfarelou um pedaço do cupinzeiro e jogou à beira do rio onde estava sentada. Era só a poeira de cupins atingir a água que dezenas, não, centenas de camarões subiam para a superfície, e ela só tinha o trabalho de passar a rede de palha e recolher os crustáceos.

— Kiala, o que está acontecendo? Onde estamos? Como a gente veio parar aqui? Por que você tá tranquila?

— Os ferimentos estão curados? Tata Ngoma é bicho da medicina mesmo! Tome. Vamos voltar pro Quilombo e trazer os pitus.

Voltaram para a alameda de coqueiros.

— Existem portais, Sankara. Portais. Você achava que a professora Laísa era doida de sempre falar em portais. Aquela conhece os segredos. Trazemos o nosso passado em nosso DNA, trazemos nossos antepassados em nosso DNA, trazemos nossa história em nosso sangue. Lembra-se de toda a explicação sobre Einstein e a teoria da relatividade? Tudo conhecimento africano copiado pelos europeus. Espaço e tempo, passado e presente... existem os portais. Assim como os nossos antepassados se projetam para o

futuro em cada criança que nasce, nós também podemos transitar...

[...]

Entregaram os camarões na cabana em frente a qual estava o pilão. À noite comeram beiju com camarão, disse uma das mulheres piladoras, que agora torrava farinha em uma pequena chapa sobre um fogo de lenha.

O sol logo se pôs sobre o monte, e seis fogueiras foram acesas em círculo na clareira. Viu cerca de trinta e cinco pessoas. Maioria de pretos, alguns tupinambás, entre eles o Pajé Itaguara, que cuidara dele pela manhã. A Rainha Zeferina era a única sentada em uma cadeira com apara nas costas, os demais estavam sentados em bancos baixos feitos de toras. Eles estavam sentados no mato baixo.

[...]

MANDINGO, Fábio. Salto para o Quilombo. In: MANDINGO, Fábio. **A Princesa Mahin - Uma história Quilombola**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021.

## DE OLHO NA LITERATURA

A história do livro conta sobre as aventuras de Sankara e seus amigos da escola que partem para uma excursão até o Parque São Bartholomeu, em Salvador. Lá, eles resolvem explorar o parque por um roteiro diferente do roteiro da professora, em busca de outras histórias, que leva Sankara de forma mágica até o histórico Quilombo do Urubu.

## QUESTÕES PARA MEDIAR UMA PRÁTICA ANTIRRACISTA.

Leia, a seguir, a definição de quilombo colocada pelo escritor Abdias Nascimento (2002).

“Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial.” (NASCIMENTO, 2002, p. 270).

(NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 2. ed. Brasília / Rio de Janeiro: Fundação Palmares / OR Editor Produtor, 2002).

- Durante a leitura, você percebeu que o trecho da história narrada se refere à chegada do menino Sankara no quilombo. Você sabe o que é um quilombo e como eles se formaram? Fale um pouco sobre o que você acha que seria um quilombo.

▪ O conceito de quilombo ganha novas atribuições de sentido no decorrer da história. Quando Abdias do Nascimento (2002) diz que quilombo não significa escravo fugido, mas que significa reunião livre e fraterna, como podemos relacionar esta compreensão com luta antirracista?

▪ Em uma das falas, a personagem Kiala diz que: “Trazemos o nosso passado em nosso DNA, trazemos nossos antepassados em nosso DNA, trazemos nossa história em nosso sangue.” Neste trecho, Kiala fala sobre ancestralidade. Faça uma busca, pesquise e diga o que você compreendeu, levando em consideração a fala de Kiala.

▪ No trecho do capítulo “Salto para o Quilombo” (2021) narra que o Quilombo do Urubu era liderado pela rainha quilombola Zeferina. Além da rainha quilombola, o protagonismo de Kiala faz referência à princesa Luísa Mahin...

- Fazer um breve histórico do protagonismo negro da rainha Zeferina, que fundou e liderou o Quilombo do Urubu e foi protagonista na luta pela libertação dos negros na Província do Salvador. E da princesa Luísa Mahin, que também está entre as mulheres que lutaram contra a escravidão.

- Levantar a discussão sobre a existência de mulheres negras que lutaram contra a escravidão.

## PARA REFLETIR

● Você sabia da existência destas mulheres negras que lutaram contra a escravidão?

● Você sabia da existência de rainhas e princesas negras?

● Agora que já sabe sobre a existência destas mulheres que tiveram um papel importante na luta contra a escravidão, vamos pesquisar um pouquinho mais...

▪ Levando em conta o fato de que



você já sabe sobre a existência e a diversidade de reis e rainhas, príncipes e princesas em outras etnias, faça uma busca e produza um painel com imagens de outras princesas negras que compõem a realeza africana. Não esqueça de identificá-las!

## 3º Momento

### OBJETIVO:

Despertar a consciência étnico-racial pela representatividade negra presente nas obras literárias.

- Leitura de um trecho do capítulo “O planeta do Pequeno Príncipe Preto” do livro “O pequeno Príncipe Preto” publicado em 2020 de autoria do escritor Rodrigo França.





## O PLANETA DO PEQUENO PRÍNCIPE PRETO

Em um minúsculo planeta mora um menino preto com uma árvore Baobá. O menino gosta muito de regar a Baobá, que é sua única companheira.

— Vocês só estão me ouvindo, mas não conseguem me ver. Estou atrás do tronco de uma árvore, da Baobá. É uma árvore linda, imensa, gigante. Estou de braços abertos tentando envolvê-la, mas não consigo. Precisaria de duas, três, quatro... De muita gente. Abraçar a Baobá é uma troca de força, de energia. Sabe quando a bateria está fraca? Então, eu venho aqui e recarrego.

Ah, já ia esquecendo: eu sou o Príncipe deste planeta. A Baobá disse que sou o Pequeno Príncipe. Ela é a Grande Princesa.

Este planeta é tão pequeno que só cabemos nós dois aqui. Em breve seremos três. Comparado a um planeta chamado Terra, aqui é tão pequeno que parece um grão de areia. Existem outros planetas espalhados por esse infinito Universo. Conheço alguns, mas o meu sonho é conhecer todos, um a um. Saber quem mora nesses lugares e o que fazem. Enquanto faço isso, deixo a semente da Baobá, porque quero espalhar por aí o que tenho de mais precioso: ela e o UBUNTU.

Foi uma promessa que fiz para a Baobá. Mas, para sair daqui, preciso aproveitar as ventanias, que só aparecem de vez em quando. Então, quando elas aparecem, eu saio voando, voando.

Eu não sei quem veio primeiro. O planeta ou a Baobá. Ela é uma árvore sagrada, milenar. Está há tanto tempo aqui...

A Baobá gosta do solo seco, mas eu rego todos os dias com água morna. Não gosto de ver ninguém com sede. As amigadas também devem ser regadas todos os dias. Nem com muita água, nem com pouca.



Deixe-me contar um segredo: uma vez por ano, numa única noite, nasce uma solitária flor de cabeça para baixo, e a Baobá explode de vida e alegria.

A flor dura poucas horas e fede igual a carniça, mas é linda demais. Eu acho engraçado, porque a Baobá é ao contrário. Os galhos são secos para cima, parecem raízes. As folhas só brotam quando chove. Parece até que caiu do céu, de ponta-cabeça.

Devo tanto à Baobá, sabe? Sabedoria é comida que nos alimenta.

Existe uma coisa chamada ancestralidade. Antes dessa árvore, existiu outra árvore, antes existiu outra árvore, e mais outra, outra e outra... Antes de mim vieram os meus pais, os meus avós, os meus bisavós, os meus tataravós, os meus ta-ta-taravós... Todos eram reis, rainhas.

Como pode existir o hoje, o agora, se você não conhece o seu passado, a sua origem, as suas características? É assim que a gente conhece a nossa ancestralidade. Isso é sabedoria e ancestralidade.

A minha pele é da cor desse solo. Quando eu rego fica mais escuro, cor de chocolate, de café quentinho. As cores são diferentes, iguais aos lápis de cor. Tem gente que fala que existe um lápis “cor de pele”. Como assim? A pele pode ter tantos tons...

Eu sou negro! Um pouco mais claro que alguns negros e um pouco mais escuro que outros. É como a cor verde... Tem o verde-escuro e o verde-claro, mas nenhum dos dois deixa de ser verde. Eu gosto muito da minha cor e dos meus traços.

Minha boca é grande e carnuda.



Olhe o meu sorriso, como é simpático e bonito!

Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz.

Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus olhos como eles são. Porque são meus.

Meu cabelo não é ruim. Ele não fala mal de ninguém. Antes eu cortava meu cabelo bem baixinho, mas agora estou deixando crescer. Quero que fique para cima igual aos galhos da Baobá. Vai crescer, crescer, crescer... Vai ficar forte, brilhoso, volumoso. Olhe para o céu! Ele será o limite.

[...]

FRANÇA, Rodrigo. O planeta do Pequeno Príncipe Preto. In: FRANÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

## DE OLHO NA LITERATURA

“Este livro, surgiu a partir do espetáculo de mesmo nome, escrito e dirigido por mim no ano de 2018. A peça teve a intenção de mostrar às crianças, jovens e adultos o quanto somos potentes na diversidade cultural do Brasil.”

FRANÇA, Rodrigo. **O planeta do Pequeno Príncipe Preto**.  
1. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

## QUESTÕES PARA DISCUSSÃO:

- Durante a leitura do trecho, você percebeu que o autor do livro usa em sua escrita a palavra UBUNTU, que se trata de uma filosofia africana. Para você saber mais, pesquise um pouco mais sobre esta filosofia africana que nutre o conceito de humanidade em sua essência.
- Leia o excerto a seguir e observe a imagem abaixo:

[...] Sabedoria é comida que nos alimenta. Existe uma coisa chamada ancestralidade. Antes dessa árvore, existiu outra árvore, antes existiu outra árvore, e mais outra, outra e outra... Antes de mim vieram os meus pais, os meus avós, os meus bisavós, os meus tataravós, os meus ta-ta-taravós... Todos eram reis, rainhas.

Como pode existir o hoje, o agora, se você não conhece o seu passado, a sua origem, as suas características? É assim que a gente conhece a nossa ancestralidade. Isso é sabedoria e ancestralidade. [...]

FRANÇA, Rodrigo. O planeta do Pequeno Príncipe Preto. In: FRANÇA, Rodrigo.  
**O pequeno príncipe preto**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

Figura 1 – Imagem retirada da página 8 e 9 do livro *O Pequeno Príncipe Preto* de autoria de Rodrigo França, publicado em 2020.



Rodrigo França, 2020.

a) Você já ouviu algo sobre o conceito de ancestralidade?

b) Procure na internet o conceito de ancestralidade e registre abaixo.

c) Agora é a hora de contar a sua história, ou seja, a história dos seus ancestrais. Construa a sua árvore genealógica da sua família. Seja criativo!

- No trecho a seguir, o Pequeno Príncipe Preto fala sobre a cor da sua pele. Leia os excertos abaixo e observe a imagem.

[...] A minha pele é da cor desse solo. Quando eu rego fica mais escuro, cor de chocolate, de café quentinho. As cores são diferentes, iguais aos lápis de cor. Tem gente que fala que existe um lápis “cor de pele”. Como assim? A pele pode ter tantos tons...

Figura 2 – Imagem retirada da página 10 do livro *O Pequeno Príncipe Preto* de autoria de Rodrigo França, publicado em 2020.



Rodrigo França, 2020.

Eu sou negro! Um pouco mais claro que alguns negros e um pouco mais escuro que outros. É como a cor verde... Tem o verde-escuro e o verde-claro, mas nenhum dos dois deixa de ser verde. Eu gosto muito da minha cor e dos meus traços.

Minha boca é grande e carnuda. Olhe o meu sorriso, como é simpático e bonito! Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz. Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus olhos como eles são. Porque são meus. Meu

cabelo não é ruim. Ele não fala mal de ninguém. Antes eu cortava meu cabelo bem baixinho, mas agora estou deixando crescer. Quero que fique para cima igual aos galhos da Baobá. Vai crescer, crescer, crescer... Vai ficar forte, brilhoso, volumoso. Olhe para o céu! Ele será o limite. [...]

FRANÇA, Rodrigo. O planeta do Pequeno Príncipe Preto. In: FRANÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

a) No trecho destacado acima, o Pequeno Príncipe Preto fala sobre a diversidade da cor da pele, uma vez que a cor da nossa pele pode ter vários tons. Além disso, o menino fala também sobre seus traços fenóticos, ou seja, os traços da sua boca, o jeito do seu sorriso, do seu nariz, dos olhos escuros e sobre o seu cabelo. Com isso, podemos pensar no conceito da diferença, potencializar o respeito e compreender o conceito da REPRESENTATIVIDADE NEGRA, uma definição importante e fundamental para alcançarmos a igualdade racial e combater o racismo. Dessa forma, pesquise sobre o conceito de REPRESENTATIVIDADE.

b) Agora que você já compreende o significado e importância deste conceito, crie um elaborado acróstico e apresente para a turma.

c) Você já sabe sobre representatividade negra, procure em revistas e na internet personalidades negras que possuem os mesmos traços fenóticos do Pequeno Príncipe e crie um mural para expor em sala. Não se esqueça de identificá-las.

d) Você já sabe da existência de rainhas, princesas e príncipes negros e inspirados nas histórias que você já ouviu, faça uma releitura de um dos seus contos de fada preferidos e crie uma pequena História em Quadrinhos que tenha como personagem principal uma princesa negra.



### OBJETIVO:

Despertar a consciência étnico-racial pela representatividade negra presente nas obras literárias.

- Leitura de um trecho do livro “Betina” publicado em 2009 de autoria da escritora Nilma Lino Gomes.

— Ai! Ui! Vó! — reclamava a menina.

— Que isso Betina? Estou penteando com tanto cuidado! Seguro cada montinho de cabelo bem perto da raiz e ainda uso um pente de madeira com dentes grossos. Então, deixe de manha! — ralhou a avó.

— Eu sei vó! Mas, mesmo assim, dói! Ainda bem que, depois do penteado pronto, eu me sinto bem! — disse a menina, com cara de levada.

— Oh, minha querida! Antes de saber que não tem jeito de evitar uns puxõezinhos, a vovó penteia o seu cabelo com muito carinho — a avó falava devagarzinho... devagarzinho... sua voz parecia música.

O dia de fazer penteado novo era especial. A avó tirava as tranças ou o coque antigos, lavava o cabelo da neta, passava creme para desembaraçar, desembaraçava, lavava de novo e secava com a toalha. Nessa última etapa, o cabelo já não tinha mais creme. Uma dica: o segredo para um bom trançado é deixar o cabelo bem limpinho e sem creme. Evita caspas e facilita o manusear dos fios.

Depois de todas as etapas, a avó sentava-se em um banquinho, colocava uma almofada para Betina sentar-se no chão, jogava uma toalha sobre os ombros da menina, dividia o cabelo em mechas e ia desembaraçando, penteando e trançando uma a uma, com rapidez incrível.

Enquanto trançava, avó e neta conversavam, cantavam e contavam histórias. Era tanta falação,

tanta gargalhada que o tempo voava! E, no final, o resultado era um conjunto de tranças tão artisticamente realizadas que mais parecia uma renda.

Quando a avó terminava o penteado, Betina dava um pulo e corria para o espelho. Ela sempre gostava do que via. Do outro lado do espelho, sorria para ela uma menina negra, com dois olhos grandes e pretos como jabuticabas, um rosto redondo e bochechas salientes, cheia de trancinhas com bolinhas coloridas nas pontas.

[...]

Os cremes que a avó usava para lavar o cabelo de Betina eram tão cheirosos! No outro dia, ao sair à rua com os cabelos trançados, por onde a menina passava, os comentários eram:

- Que tranças lindas!
- Lá vai Betina de tranças novas!
- Parecem rendas!
- Parecem bordado!
- Que cabelo cheiroso!

Na escola, a professora comentava:

— Uai! Já mudou de penteado de novo, Betina. Essa menina é mesmo impossível.

Betina sorria com as bochechas salientes e respondia, orgulhosa:

- Foi a minha avó quem fez.

[...]

- Vou lhe ensinar a fazer tranças.

— Mesmo? Oba! Oba! As meninas lá na escola vivem me pedindo para trançar os cabelos delas e eu ainda não sei...

- Mas com uma condição — afirmou a avó.

- Qual? — Betina arregalou ainda mais os olhos grandes.



— Você vai trançar o cabelo de toda a gente, ajudando cada pessoa que chegar até você a se sentir bem, gostar mais de si, sentir feliz de ser como é, com o seu cabelo e com a sua aparência.

— Ih! Vó! Mas isso é difícil! Parece até aquelas histórias de fada em que a menina tinha que fazer alguma coisa para ficar feliz no final!? Não sei se eu consigo isso...

— É claro que consegue! E onde está esta força que eu vejo nestes olhos cor de jabuticaba? E essa coragem que vejo pulsar neste coração? É claro que consegue!

— Então, tá, vó! Eu aceito!

[...]

O tempo voou mais um pouco. Daquele dia em diante, a avó passou a ensinar Betina a trançar. A menina aprendia com rapidez e, a cada vez, trançava melhor. Trançava o cabelo da mãe, das irmãs, dos irmãos, dos primos, dos vizinhos e... acreditem!!! Até da avó!

O tempo passou ainda mais (êta tempo que voa, né?). A avó de Betina foi se encontrar com os ancestrais e Betina tornou-se uma mulher adulta e com uma energia contagiante. Mas, além de crescer, a nossa Betina-menina-trançadeira virou Betina-mulher-cabeleireira. Ela montou um salão de beleza que cuidava, trançava e penteava todos os tipos de cabelos e de todo tipo de gente. Mas o seu salão tinha algo especial: era um dos poucos da cidade que sabia pentear e trançar com muito charme e beleza os cabelos crespos.

O salão ficava cheio de gente e Betina precisou empregar muitas pessoas para ajudá-la no trabalho. Afinal, era tanta gente que ela sozinha não conseguia cuidar de tudo. No dia a dia do salão, Betina corria pra lá, corria pra cá, trançava, penteava, atendia ao telefone, conversava com todo mundo, sempre alegre e com as bochechas sorridentes, como era desde criança. O salão foi se tornando um lugar muito legal de se ir e de conviver e, aos poucos, Betina ficou conhecida por muita gente, dentro e fora da sua cidade e imagina... até fora do país.

Quem passava pelo salão da Betina saía de lá com os cabelos bem tratados, com penteados diferentes, tranças criativas e cheio de energia boa. Parecia mágica!

Betina pensava: “Se minha avó estivesse aqui, ela ia ficar orgulhosa!”, e os seus olhos derramavam lembranças.

Um dia, Betina recebeu um telefonema no salão.

— Srta. Betina?

— Sim — respondeu ela.



— Sou a diretora da Escola Municipal Pixinguinha. Gostaríamos muito de convidá-la para realizar uma palestra para os alunos e alunas da nossa escola sobre a arte de pentear e trançar. A ideia do convite veio dos próprios alunos. É possível? — perguntou a voz, ecoando do outro lado da linha telefônica.

Enquanto ouvia o convite sendo feito, Betina sentiu um friozinho na barriga, as pernas ficaram trêmulas, mas logo ela se recompôs e, com a voz firme, respondeu:

— Aceito, sim. Vai ser um prazer e um grande desafio para mim.

No dia marcado, ela foi com o cabelo todo trançado, roupa nova e sapato de salto alto. Levou fotos de penteados, revistas e álbuns de desfiles. Ao entrar na escola, a cabeleireira viu muitas crianças e adolescentes de todas as cores, jeitos, tipos e tamanhos. Ao sentar-se numa cadeira, em frente de um grande grupo de crianças e adolescentes, viu, também, algumas crianças negras com cabelos muito bem penteados que a fizeram lembrar a sua infância.

A diretora apresentou-a à turma, falou da importância do seu trabalho, enfatizou como os seus penteados ajudavam as pessoas a se sentirem bem consigo mesmas e, logo a seguir, passou a palavra à cabeleireira. No entanto, Betina pegou todo mundo de surpresa. Ao invés de falar, ela preferiu ouvir as crianças e os adolescentes em primeiro lugar.

— Primeiro — disse ela, olhando para os seus ouvintes atentos —, quero saber se alguém gostaria de me perguntar alguma coisa.

Lá, no fundo, uma menina negra, com bochechas salientes e olhos pretos, levantou a mão e disse:

— Betina, quem ensinou você a trançar cabelo?

A cabeleireira respondeu:

— Foi a minha avó — e seus olhos se encheram de saudade.

— E quem ensinou a sua avó? — perguntou um menino negro de olhos cor de mel.

— A mãe dela.

[...]

— Ah! Então, uma ensinava a outra! — concluiu uma adolescente com jeito de índia.

— É isso mesmo! Na história da minha família, a arte das tranças foi ensinada de mãe para filha, de tia para sobrinha, de avó para neta e assim por diante. Uma mulher foi ensinando para a outra até chegar a mim. Mas isso não aconteceu só na minha família. É uma forma muito comum de ensinar e

aprender presente na história de muitas famílias brasileiras (e também de outros países), principalmente, as negras. Em nosso país, muito do que sabemos hoje, tem sido comunicado dessa maneira — explicou a cabeleireira, emocionada.

— Poxa! — suspirou uma menina negra sentada bem à frente de Betina. — Então, a gente tem muita história para aprender e para contar. Fale mais, Betina!!!!

GOMES, Nilma Lino. **Betina**. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

- Leitura de um trecho do livro “As férias fantásticas de Lili” publicado em 2018 de autoria da escritora Livia Natália.

[...]

Andando no grande ônibus  
descobriu um lugar diferente  
Onde morava pessoas negras  
parecidas com sua gente.

Yemanjá e as três crianças desceram no Harlem pra caminhar  
E uma loja Lili olhou e resolveu que queria entrar.

Lá dentro havia mulheres negra com a pele muito brilhosa  
Com cabelos compridos de tranças que dançavam perfumosas.  
Em outras mulheres faziam tranças que a menina nunca viu  
E ela logo soube que era da Nigéria que vinham, e não do Brasil.

Sentada na cadeira alta, no colorido salão  
A menina decidiu que queria sair de cabelão.  
Caminhando pelas ruas já de cabelo comprido  
Lili até pulou corda, segurando a ponta do vestido.

[...]

SANTOS, Livia Maria Natália de Souza. **As férias fantásticas de Lili**.  
São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

O livro “Betina” conta a história da protagonista Betina que dá nome ao livro. A narrativa de autoria de Nilma Lino Gomes foi publicada em 2009 e traz a história da menina que aprende com a avó a arte de trançar os cabelos. A menina aprende com todo aconchego e amor da avó e a avó aprendeu com sua mãe que tinha aprendido com a sua tia. Contudo, Betina vai além e abre um salão de beleza, ficando conhecida em diversos lugares.

O livro “As férias fantásticas de Lili”, publicado em 2018 pela escritora Lívia Natália, conta as aventuras de Lili durante as suas férias. A menina precisa escrever uma redação contando o que fez durante as férias e com a ajuda e a intervenção de alguns orixás, Lili vive uma grande aventura. Com disso, a narrativa conta a experiência de Lili em um salão de beleza. De lá, ela decide sair com um cabelão comprido, feito de tranças.

### QUESTÕES PARA DISCUSSÃO:

- Na leitura dos trechos das obras, você observou que as tranças na cultura africana possuem uma representatividade carregada de ancestralidade, isto é, as tranças e penteados possuem uma ligação ancestral cheia de significado, pois a arte das tranças era ensinada de mãe para filha, de tia para sobrinha, de avó para neta e assim por diante. Sendo assim, faça como Betina, procure modelos de penteados feitos com as tranças, faça um bonito álbum e apresente para seus colegas.
- Observe a imagem, leia o trecho e as informações a seguir.

Figura 3 – Imagem retirada da página 9 do livro *Betina* de autoria de Nilma Lino Gomes, publicado em 2009.



Nilma Gomes, 2009.

Lá dentro havia mulheres negra com a pele muito brilhosa  
Com cabelos compridos de tranças que dançavam perfumosas.  
Em outras mulheres faziam tranças que a menina nunca viu  
E ela logo soube que era da Nigéria que vinham, e não do Brasil.

SANTOS, Livia Maria Natália de Souza. **As férias fantásticas de Lili**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

O ato de trançar os cabelos estar para além de questões estéticas, pois representa um ato político. Nesse sentido, os penteados de origem afro carregam em si uma bagagem representativa muito forte, porque, além dos significados estéticos, representam, para as mulheres negras, formas de resistência e aceitação.

- Propor a construção de um quebra-cabeça com a imagem de uma modelo que esteja usando tranças.
- Ao final deste momento, sugerir a construção de uma nuvem de palavras relacionadas aos temas abordados durante as aulas.
- Por fim, sugerir a construção de um pequeno texto falando da contribuição de cada tema para a formação escolar e cidadã dos alunos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Miguel González. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 15 jun. 2022.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: insurgências. **Revista Espaço do Currículo**, v. v.13, p. 678-686, 2020.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. *Iberic@l*: **Revue d'études ibériques et ibéro-américaines**, [s.l.], v. 2, p. 11-15, 2012.
- EVARISTO, Conceição. **Azizi, o menino viajante**. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra71475/azizi-o-menino-viajante>. Acesso em: 17 de dezembro de 2023.
- FRANÇA, Rodrigo. **O planeta do Pequeno Príncipe Preto**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.
- GOMES, Nilma Lino. **Betina**. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.
- GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. In: FONSECA, M. V., SILVA, C. M.; FERNANDES.A. B. (Orgs). **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2011.
- GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.
- GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008a, v., p. 67-89.
- MANDINGO, Fábio. **A Princesa Mahin - Uma história Quilombola**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021.
- NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 2. ed. Brasília / Rio de Janeiro: Fundação Palmares, 2002
- SANTOS, Livia Maria Natália de Souza. **As férias fantásticas de Lili**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.
- SILVA, Luiz. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.



**UNEB**

UNIVERSIDADE DO  
ESTADO DA BAHIA



**PPGELS**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE

